Metodologia do processo reflexivo SOBRE O MUNDO DO TRABALHO para jovens do Ensino Médio

Roseli Bonfante
Inge Renate Frose Suhr

Instituto Federal Catarinense

PROFEPT
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL Catarinense

INSTITUTO FEDERAL
Catarinense

Autora
Roseli Bonfante

Orientadora
Inge Renate Frose Suhr

Projeto gráfico
Ana Cristina Vilela Zacharias

Imagens
https://br.freepik.com/

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática do ICMC/USP, cedido ao IFC e
adaptado pela CTI - Araquari e pelas bibliotecas do Campus de Araquari e Concórdia.

B752m

Bonfante, Roseli
Metodologia do processo reflexivo sobre o mundo do trabalho para jovens do ensino médio / Roseli Bonfante; orientadora Inge Renate Frose Suhr. -- Blumenau, 2020.
71 p.

Artigo (artigo) - Instituto Federal Catarinense, campus Blumenau, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, Blumenau, 2020.

Inclui referências.

1. Educação profissional. 2. Orientação profissional. 3. Trabalho. 4. Sujeito sócio-histórico. 5. Ensino médio. I. Suhr, Inge Renate Frose . II. Instituto Federal Catarinense. Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica. III. Título.

Descrição técnica do produto

Origem do produto: este manual é fruto do projeto de pesquisa intitulado: O processo de escolha profissional de jovens da classe que vive do trabalho: um estudo a partir do campus Rio do Sul do Instituto Federal Catarinense, desenvolvido no Mestrado Profissional em EducaçãoProfissional e Tecnológica (profEPT)

Nível de Ensino a que se destina: Ensino Médio

Área de conhecimento: Ensino

Público Alvo: Estudantes do Ensino Médio

Categoria deste produto: Manual

Finalidade: Criar condições para que o estudante reflita sobre o processo e o ato da escolha profissional; Promover a reflexão sobre a compreensão da organização e a forma de trabalho na sociedade atual; Auxiliar na construção de escolhas profissionais consistentes e conscientes.

Registro do produto: Biblioteca do Instituto Federal Catarinense (IFC) campus Blumenau

Avaliação do produto: a avaliação do manual foi realizada por formulário eletrônico, enviado para docentes e técnicos em assuntos educacionais do Instituto Federal Catarinense, campus Rio do Sul. Também foi avaliado pelos professores componentes da banca de defesa do artigo final.

Disponibilidade: irrestrita, garantindo-se o respeito aos direitos autorais, não sendo permitida a comercialização.

Divulgação: Digital

Instituição envolvida: Instituto Federal Catarinense (IFC)

URL: Produto acessível no repositório Educapes.

Idioma: Português

Cidade: Blumenau

País: Brasil

SUMÁRIO

1. Para começo de conversa: por que uma metodologia do processo reflexivo sobre o mundo do trabalho para jovens do ensino técnico integrado do Instituto Federal Catarinense? 06

2. Considerações críticas acerca da orientação profissional predominante 10

3. Um processo de reflexão pela abordagem sócio-histórica 13

4. Uma outra orientação profissional, é possível? 17

5. Há sentido em uma metodologia do processo reflexivo sobre o mundo do trabalho para jovens do ensino técnico integrado do Instituto Federal Catarinense? 24

REFERÊNCIAS 31

6. Mãos… e cérebro à obra! 33

6.1 Recomendações ao coordenador 35

6.2 Recomendações aos mediadores 36

7. Primeira temática: O homem e o trabalho 38

7.1 Objetivos 40

7.2 Proposta de ação (metodologia) 40

7.3 Questões norteadoras 41

1. O que é trabalho? 42

2. Como está organizada a forma de trabalho em nossa sociedade atual? Quais suas principais características e implicações? 43

3. Qual a ideologia dominante em nossa sociedade? 45
4. Por que não há emprego para todos? 47
5. Uma boa formação e níveis maiores de formação garantem empregos? . 48
6. Como a educação se relaciona com os processos produtivos em nossa sociedade? 49
REFERÊNCIAS 51

8. Segunda temática: Identificando os determinantes de escolha 52
8.1 Objetivo 53
8.2 Proposta de ação (metodologia) 53
8.3 Questões norteadoras 56
1. O que significa "escolher" em nossa sociedade? 57
2. Quais as implicações e desdobramentos das escolhas? 57
3. Quais fatores deverão ser considerados para realizar uma boa escolha? 58
REFERÊNCIAS 59

9. Terceira temática: Autoconhecimento: o homem sócio-histórico 60
9.1 Objetivos 62
9.2 Proposta de ação (metodologia) 62
REFERÊNCIAS 67

10. Quarta temática: O olhar para fora 68
10.1 Objetivos 69
10.2 Proposta de ação (metodologia) 69
REFERÊNCIAS 71

1

Para começo de conversa:
por que uma metodologia do processo reflexivo **SOBRE O MUNDO DO TRABALHO** para jovens do ensino técnico integrado do Instituto Federal Catarinense?

A metodologia do processo reflexivo SOBRE O MUNDO DO TRABALHO para jovens do ensino médio ora apresentada busca ir ao encontro dos princípios que regem os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. O Instituto Federal (IF), como uma política pública, assume a função social de contribuir para a construção de uma sociedade menos desigual e mais solidária. Preconiza um projeto democrático e popular comprometido com a emancipação dos setores excluídos da sociedade, buscando superar o preconceito de classe e a submissão da educação à lógica do capital, propondo, de maneira contra hegemônica, que a educação esteja ligada ao mundo do trabalho numa perspectiva democrática e de justiça social (PACHECO, 2015).

Mundo do trabalho *é o conjunto de fatores que engloba e coloca em relação a atividade humana de trabalho, o meio ambiente em que se dá a atividade, as prescrições e as normas que regulam tais relações, os produtos delas advindos, os discursos que são intercambiados nesse processo, as técnicas e as tecnologias que facilitam e dão base para que a atividade humana de trabalho se desenvolva, as culturas, as identidades, as subjetividades e as relações de comunicação constituídas nesse processo dialético e dinâmico de atividade. Ou seja, é um mundo que passa a existir a partir das relações que nascem motivadas pela atividade humana de trabalho, e simultaneamente conformam e regulam tais atividades. É um microcosmo da sociedade, que embora tenha especificidade, é capaz de revelá-la (FIGARO, 2008, p. 92).*

A metodologia proposta reconhece a escola pública como um dos poucos espaços em que estudantes, especialmente os jovens das classes populares, têm acesso a todos os tipos de conhecimento que possam lhes permitir melhor compreender as relações sociais e produtivas das quais participam e que este espaço precisa assumir um compromisso social de romper com toda e qualquer condição que reproduza exclusão. Sendo assim, é preciso garantir aos estudantes do ensino médio, os quais, nesta etapa da vida, estão delineando suas escolhas profissionais, um tempo-espaço em que possam se ver como participantes ativos de uma sociedade que não está pronta/concluída e assim, possibilitar que possam assumir uma atitude ativa diante dos desafios que a inserção ao mundo do trabalho apresenta. Entende-se que esta intervenção contribuirá para que o Instituto Federal efetive seu papel institucional de ofertar educação integral.

As temáticas e o conteúdo selecionados para este processo reflexivo foram definidas a partir do resultado de pesquisa realizada em 2019, com jovens do segundo ano do curso de Agropecuária, técnico integrado ao ensino médio no Instituto Federal Catarinense (IFC) – Campus Rio do Sul. O estudo buscou compreender os fatores que influenciam os jovens na escolha profissional. Para realização da pesquisa, de cunho qualitativo, foi realizada uma entrevista semiestruturada. Participaram da pesquisa vinte e dois estudantes.

A análise dos dados colhidos através da entrevista semiestruturada, revelou que estes jovens têm princípios e valores ancorados numa concepção individualista, meritocrática e uma forte tendência a se adaptarem às exigências e demandas da realidade do mundo do trabalho como está, sem perceberem seus determinantes nem a sua possibilidade de transformação. Entendendo que o objetivo dos IF é proporcionar uma educação integral, baseada no trabalho como princípio educativo, ou seja, compreender a realidade do trabalho para além da mera execução de atividades, é preciso facultar um processo reflexivo para que os jovens possam tomar decisões com maior discernimento da sociedade em que vive. Desta forma, justifica-se a viabilização de espaço e tempo para refletir sobre estes conceitos e em quais princípios estão fundamentados, propostos nesta metodologia.

Embora a abordagem sócio-histórica adotada nesta metodologia possa divergente à visão de mundo de muitos sujeitos envolvidos neste processo, tanto de professores e mediadores quanto dos jovens, tal fato deve ser percebido como algo positivo, pois tal circunstância incita que todos possam fazer uma revisão crítica das concepções que os direcionam. Nesse sentido, Kuenzer traz que

> o conhecimento é fruto da práxis coletiva, a partir do embate de posições divergentes no processo de construção dos consensos possíveis: nesse sentido, o conhecimento é provisório, parcial e historicamente determinado; é processo de produção, e tão mais rico quanto melhor se explicitem, discutam e aprofundem as divergências (KUENZER, 2002, p. 15)

2

Considerações críticas acerca da orientação profissional predominante

Considera-se de fundamental importância fazer uma breve crítica acerca das teorias em orientação profissional com o objetivo de tornar explícita a ideologia que as impregna e assim compreender sua função na sociedade em que vivemos. Desde o seu surgimento, a orientação profissional no Brasil pautou-se pelas ideias de que este processo é diretivo e o papel do orientador profissional é o de fazer diagnósticos, prognósticos e indicações das ocupações certas para cada indivíduo (SPARTA, 2003). Historicamente, seu principal objetivo tem sido o de auxiliar o sujeito no processo de escolha de uma profissão. Supõe-se que o indivíduo que ainda não se decidiu quanto a qual profissão seguir precisa de auxílio técnico para identificar e utilizar informações sobre si e sobre as opções ocupacionais e assim fazer uma escolha adequada.

Tradicionalmente o trabalho de orientação profissional/vocacional atinge as camadas médias e altas da população brasileira, firmando-se como um fenômeno dos estratos mais privilegiados da população reproduzindo a função ideológica de manutenção da sociedade de classes, típicas do capitalismo. Nesta perspectiva, a intervenção em orientação profissional tem a função de mascarar a realidade e ocultar os determinantes sociais, econômicos e políticos, isolando o indivíduo e responsabilizando-o por sua condição. Dito de outro modo, busca ajustar o sujeito à estrutura ocupacional preexistente, reproduzindo a ordem social vigente, seguindo a lógica do capital (BOCK, 2010).

Grande parte dos estudos em orientação profissional está apoiada na visão liberal de sujeito, não considerando os determinantes sociais, políticos e econômicos, mas apenas o indivíduo como responsável por suas escolhas e decisões, assim como atribui a ele toda a responsabilidade por seu sucesso ou fracasso. Fica assim compreendido que, especialmente aos jovens de classes populares, fica reservado o seu ajustamento à estrutura ocupacional vigente, um sujeito produtivo que contribua para o aumento da mais valia da classe dominante, detentora do controle da produção (BOCK, 2010).

Ferreti (1988) desvela que a orientação profissional dominante está intimamente ligada aos princípios liberais. Observa-se o princípio da individualidade, considerando que a escolha profissional é algo individual em que predominam fatores biopsicológicos que resultam em características próprias que orientam as escolhas e, portanto devem ser respeitadas; o princípio da liberdade do indivíduo de optar por diferentes alternativas de escolha, pressupondo que todos podem escolher e por isso são responsáveis pelas decisões tomadas e suas consequências; e o princípio da igualdade perante a liberdade de opção, ou seja, todos tem igual oportunidade de escolher seu caminho profissional. O individualismo, a liberdade e a igualdade são os axiomas básicos do liberalismo, os quais constituem, igualmente, os princípios gerais da orientação profissional tradicional.

3

Um processo de reflexão pela abordagem sócio-histórica

O objetivo do processo de reflexão com jovens que estão delineando sua vida profissional deverá ser uma intervenção ampla, voltada para a construção de um projeto de vida e com capacidade de análise crítica da realidade social, criando possibilidades para que o jovem amplie e transforme a consciência que possui sobre si e sobre o mundo do trabalho a partir de uma perspectiva sócio histórica.

Perspectiva sócio-histórica

> "O importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando, afinam ou desafinam" (Guimarães Rosa, 1983).

O homem é aqui entendido como um ser social e histórico, ligado às condições sociais em um determinado tempo, numa sociedade que é produção histórica dos homens que, através do trabalho produzem sua vida material. Homem e sociedade vivem em uma relação de mediação, transformando e constituindo um ao outro (BOCK, 2015).

O sujeito se apropria da produção histórica da humanidade em sua atividade, nas relações sociais e com outros sujeitos. A partir destas relações pode transformar esta história e esta realidade. A constituição do homem não ocorre através de uma absorção imediata do meio, mas por um movimento constante de subjetivação da realidade e desta forma este sujeito torna-se um ser único (ROSA, 2003). A subjetividade é entendida como um conjunto de experiências do indivíduo, constituída a partir de suas ações e de sua inserção social. (GONÇALVES, 2003).

Todos os elementos internos, ou seja, do mundo psicológico, são concebidos nas relações do homem com seu mundo físico e social. Através fundamentalmente de mediações como a linguagem, o homem vai desenvolvendo sua consciência, sua forma de significar o mundo e este conjunto psicológico de significações, único e pessoal, orientam o homem em suas ações (KAHHALE, 2003).

De acordo com Bock (2010, p. 44), "os sujeitos constroem sentidos a partir de suas vivências, do significado do discurso, da ideologia dominante e de suas necessidades. O sentido é irredutivelmente pessoal, único, mas carrega consigo os elementos da vida social coletiva". A cultura torna-se parte da natureza humana e molda o seu funcionamento psicológico.

Para Vygostsky, citado por Bock (2006), as funções superiores (pensamento, memória, consciência, percepção, atenção, fala, vontade, formação de conceitos e emoção) mediadas pela linguagem, resultam da internalização do social. Todo processo de construção da subjetividade humana tem sua base na relação da atividade do homem com uma atividade significada, ou seja, o homem não internaliza os objetos, nem os gestos, mas sua significação, conferindo-lhe um sentido pessoal.

Parte-se da ideia de que o projeto de vida é uma ação do indivíduo de escolher um dentre os futuros possíveis diante das possibilidades e limites socioeconômicos e culturais, transformando os desejos e as fantasias que lhe dão substância em objetivos passíveis de serem perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida.

As dúvidas quanto às escolhas profissionais não podem ser colocadas exclusivamente no sujeito. É preciso compreender que o trabalho é uma atividade social, sendo assim, deve-se considerar que a insegurança e as dúvidas das pessoas ao terem que escolher uma profissão estão relacionadas à complexidade da organização da sociedade com o objetivo de produzir bens. Assim, os desafios enfrentados para fazer uma escolha profissional são criados pela complexidade do processo de produção, pela divisão social e técnica do trabalho (Ferreti, 1988).

A partir destas premissas é que o processo de reflexão aqui apresentado foi desenvolvido. Redireciona-se o foco das abordagens tradicionais deslocando-o da escolha de uma profissão para a reflexão sobre o trabalho. Desta forma, mais do que esperar que os jovens finalizem este processo plenamente seguros quanto à escolha de uma profissão espera-se que possam refletir sobre si, suas escolhas e sobre a realidade social e sua inserção nessa realidade. Constitui-se como um conjunto de intervenções que visam tornar conhecido todos (ou o maior número possível) de determinantes que influenciam as escolhas.

Desta forma, mais do que esperar que os jovens finalizem este processo plenamente seguros quanto à escolha de uma profissão espera-se que possam ***refletir sobre si, suas escolhas e sobre a realidade social e sua inserção nessa realidade****.*

4

Outra orientação profissional é possível?

Pensar sobre orientação profissional é também pensar na fase da vida em que comumente na atualidade a sociedade espera que esta decisão aconteça, que na atualidade corresponde à adolescência. De acordo com Bock (2004), em quase todas as produções teóricas sobre o assunto a adolescência é tida como uma fase natural do desenvolvimento humano com características universais, tomada como uma fase difícil, de rebeldia e conflitos que precisa ser superada. Um momento intermediário entre a infância e a vida adulta, inerente ao processo biológico, oculta-se nesse processo, todo o processo social que constitui a adolescência.

Já na abordagem sócio-histórica a adolescência é tida como uma construção histórica, constituída socialmente, um fato que passou a fazer parte da cultura, um momento significado, interpretado e construído pelos homens (OZELLA, 2003). A adolescência foi criada pelo homem e só é possível compreendê-la a partir da sua inserção na totalidade, na qual este fato foi produzido, e é esta totalidade que a constitui e lhe dá sentido (BOCK, 2004).

A partir da modernidade, marcada por revoluções industriais, ocorreram grandes modificações na forma de vida, o trabalho sofisticou-se e passou exigir maior tempo de formação, a qual seria adquirida na escola. Além da necessidade de maior formação, o desemprego estrutural, que é constitutivo da sociedade capitalista também exigiu o adiamento do ingresso dos jovens no mercado de trabalho. Desta forma, a escola passou a reunir os jovens em um mesmo espaço afastando-os do trabalho por algum tempo e, ao mesmo tempo, preparando-os para trabalharem, seja direta ou indiretamente (BOCK, 2004).

A extensão do tempo de escola e o distanciamento da família, além da aproximação com um grupo de iguais, foram consequências de exigências sociais e dão origem a um novo grupo social com padrão coletivo de comportamento, a juventude/ adolescência (BOCK, 2004).

A escolha profissional vai sendo construída socialmente à medida que a produção se complexifica. A mulher não escolhia, o escravo não escolhia. Em outras épocas não havia escolha profissional, por exemplo, se o pai era ferreiro o filho também seria, a criança era introduzida no trabalho (sem curso e sem escolha) a partir da vivência dos adultos à sua volta. Essa escolha se tornou necessária por causa da complexificação do trabalho, o que exige mais tempo de escola. O ato de fazer uma escolha profissional para os jovens é algo que passou a existir devido às transformações da sociedade e é uma característica da atualidade.

A reflexão acerca das escolhas profissionais que se fundamenta na perspectiva aqui defendida, busca contribuir para que os jovens compreendam este processo e suas múltiplas determinações, tornando-os capazes de interferir no mundo. Trata-se de “um conjunto de intervenções que visam a apropriação dos chamados determinantes de escolha. Estes determinantes é que levam à compreensão das decisões a serem tomadas e possibilitam a elaboração de projetos” (BOCK, 2001, apud AGUIAR, BOCK; OZELA, 2015, p. 213).

Entende-se como determinantes de escolha as relações com a família, mercado de trabalho, ideologia dominante, valores, grupos de amigos, meios de comunicação, e o atual emprego (em geral para jovens de classes menos favorecidas). Cada uma destas determinações é significada diferentemente dependendo da faixa etária, do grupo, da classe social e cultural (AGUIAR; BOCK; OZELA, 2015).

O sujeito, no processo de reflexão sobre o futuro e sobre qual trabalho escolher, analisa o que gosta de fazer e o que será uma boa escolha, tem a possibilidade de ponderar sobre as condições concretas da sua vida, apreender sua história e seus conflitos e assim, reconhecer as determinações com as quais deverá lidar para efetuar sua escolha, com a possibilidade de ressignificar e produzir novos sentidos subjetivos (AGUIAR; BOCK; OZELA, 2015).

A ressignificação das relações e experiências de vida cria condições para que o indivíduo desenvolva uma postura de indagação e estranhamento diante daquilo que está naturalizado, tido como normal e imutável, de modo a compreender o mundo além das aparências para que construa projetos de vida baseado numa concepção de que todos os fenômenos são complexos e fazem parte de uma totalidade. A concepção de totalidade (KOSIK, 2010) é que precisamos compreender cada fenômeno indo além dele, verificando as múltiplas determinações. Para o autor, a primeira impressão que temos de qualquer fenômeno é parcial, incompleta, e precisamos nos distanciar buscando referencial teórico para entender melhor.

De acordo com Bock (2001 apud AGUIAR; BOCK; OZELA, 2015, p. 214), “a melhor escolha profissional é aquela que consegue dar conta (reflexão) do maior número de determinações para, a partir delas, construir esboços de projetos de vida profissional e pessoal”.

A perspectiva sócio-histórica salienta que o sujeito tem liberdade de escolha, mas que estas escolhas não negam os determinantes sociais. Estes determinantes não são absolutos, sempre haverá um espaço de decisão, de ação, e quanto mais o sujeito compreender essas determinações, mais terá condições de decidir acertadamente (BOCK, 2010).

Sendo assim, a reflexão para as escolhas profissionais na perspectiva sócio-histórica, além de contribuir para criar condições educativas necessárias às escolhas profissionais e preparar para sua inserção no mundo do trabalho de forma crítica e consciente, deve instrumentalizar estes jovens para se apropriarem de conhecimentos que desenvolvam sua autonomia como seres políticos e sociais (BOCK, 2010).

Neste sentido, é condição fundamental em um instrumento de orientação profissional a de promover a compreensão da realidade socioeconômica, com informações históricas e dados socioeconômicos fundamentais, e a reflexão de como ela incide em suas escolhas e suas subjetividades.

É condição fundamental em um instrumento de orientação profissional a de ***promover a compreensão da realidade socioeconômica****, com informações históricas e dados socioeconômicos fundamentais,* ***e a reflexão de como ela incide em suas escolhas e suas subjetividades****.*

Esta perspectiva de orientação profissional tem inquestionável relevância para favorecer uma leitura crítica e reflexiva da realidade do mundo do trabalho, possibilitando a conscientização sobre as causas estruturais das dificuldades encontradas pelos jovens tanto para a decisão acerca de uma profissão, quanto no que se refere à inserção no trabalho propriamente dito. Busca desmistificar a crença que atribui exclusivamente ao sujeito a responsabilidade por seu sucesso ou fracasso na vida profissional, além de proporcionar um conjunto de conhecimentos que, incorporados, fazem crescer o capital cultural (VALORE; CAVALLET, 2012).

Ainda nesta linha, essa proposta de orientação profissional pretende contribuir para desmistificar a crença de nasceu para isso, vocação interior, homem certo no lugar certo, escolha certa, escolhas para a vida toda, ignorando a construção histórica daquilo que se costuma chamar vocação, bem como dos estruturantes do mercado de trabalho na sociedade atual: capitalista, globalizada e quem a produção flexível como forma hegemônica.

*A **produção flexível** é baseada no uso de tecnologias que contribuem para o aumento da produtividade industrial. Nesse sentido, as tecnologias industriais contribuem ativamente para a elevação da produção no menor tempo possível. Para Gounet (1999), esse sistema se baseia na resposta imediata às variações da demanda, deixando de produção em*

> À luz dos novos paradigmas, com base no modelo japonês de organização e gestão do trabalho, a linha de montagem vai sendo substituída pelas células de produção, o trabalho individual pelo trabalho em equipe, o supervisor desaparece e o engenheiro desce ao chão da fábrica, o antigo processo de qualidade dá lugar ao controle internalizado, feito pelo próprio trabalhador. Na nova organização, o universo passa a ser invadido pelos novos procedimentos de gerenciamento: as palavras de ordem são qualidade e competitividade (KUENZER, 2000, p. 32).

Essa forma de gestão do trabalho demanda outro tipo de trabalhador, com capacidade de resolver problemas e trabalhar em equipes, com maior competência na língua oral e escrita, mas principalmente, mais flexível, adaptável, que aceite as mudanças como algo natural e bom.

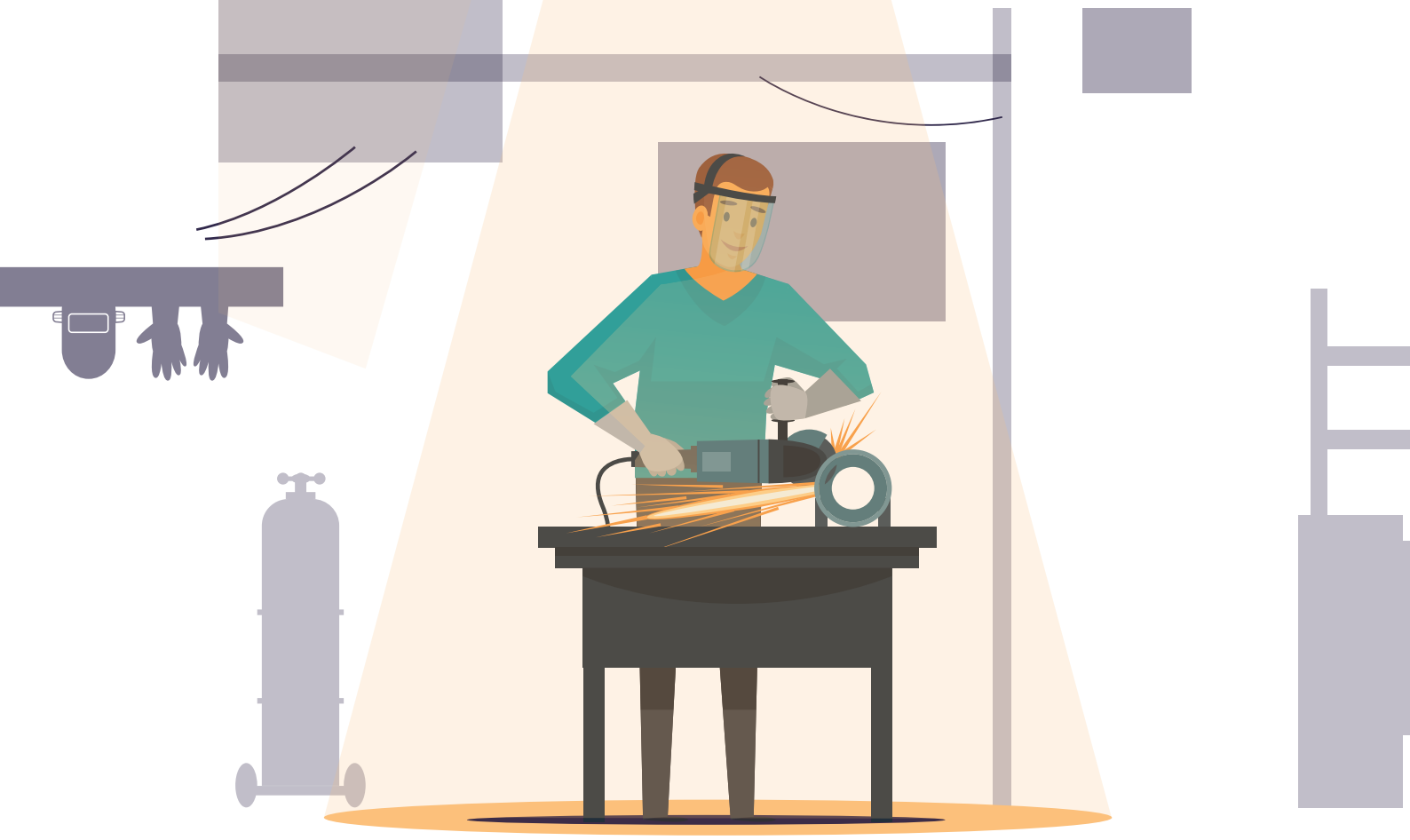
Compreender como a sociedade, e, portanto o mundo do trabalho, se estrutura, permite a superação de mitos que individualizam as decisões, responsabilizando unicamente o jovem pela escolha profissional. Além disso, permite que o jovem entenda que tal escolha pode ser refeita a qualquer tempo e que o trabalho é apenas uma das facetas do ser humano. Tal abordagem pode diminuir a pressão que as pessoas sofrem para que não errem na escolha profissional, que não percam tempo, pois em uma sociedade competitiva isso seria uma grande desvantagem. É preciso enfatizar a experiência que poderá advir mesmo de escolhas que, aparentemente, tenham sido equivocadas.

A orientação profissional não deve limitar-se a trabalhar o momento da escolha profissional, mas sim, apoiar-se na noção de projeto de vida, o qual apresenta com maior clareza a proposta de ação. O projeto configura-se como um conjunto de representações referentes à situação presente, ao futuro desejado e os meios para alcançá-lo, e assim, criam-se as estratégias de ação. Deve conter em sua essência o questionamento sobre quais meios utilizar e prever as possíveis dificuldades, resistências ou impossibilidades (UVALDO; SILVA, 2010).

Neste contexto, e seguindo a ideia de construção de um projeto profissional, a orientação profissional deve permitir que o jovem desenvolva a competência de fazer análises diante de cada encruzilhada profissional (atual ou futura), os seus limites, as oportunidades, ganhos e perdas com cada possibilidade de escolha, estabelecendo estratégias de curto e longo prazo, fazendo os ajustes possíveis e disponíveis dentro das condições concretas de cada sujeito (UVALDO; SILVA, 2010).

5

Há sentido em uma metodologia do processo reflexivo SOBRE O MUNDO DO TRABALHO para jovens do ensino técnico integrado do Instituto Federal Catarinense?



Historicamente, os filhos de trabalhadores brasileiros vivenciaram (e ainda vivenciam) uma luta constante para serem reconhecidos em sua construção profissional, sendo-lhes relegado, quase que invariavelmente, o trabalho manual ou com pouco conteúdo intelectual, precarizados no que se refere às condições de realização e à remuneração. Soma-se a isso um processo de exclusão dos jovens dos níveis mais elevados de ensino, contribuindo para a manutenção e ampliação do exército de reserva, o que, para Antunes (2018), é essencial para que a roda do capitalismo continue a girar.

O trabalho no Brasil, principalmente quando é manual, tem sido visto como algo negativo, em razão do sistema escravocrata, que deixou marcas profundas na construção das representações sobre o trabalho como atividade social e humana, de modo que todo e qualquer trabalho manual e que exige esforço físico é considerado um trabalho desqualificado, pois estes eram destinados aos escravos (MANFREDI, 2016).

A partir da industrialização e urbanização da sociedade brasileira, a visão do trabalho passou a ser ideologicamente construída como sendo uma atividade nobre e moralizante, passando a ser incentivado, estimulado. Essa concepção moralizante persiste na sociedade brasileira atual, sendo apontado inclusive como um dos fatores que explicam o crescente número e incentivo aos adolescentes e jovens a ingressarem prematuramente no primeiro emprego (MOURA, 2017).

O modo como se organiza o trabalho sob o capitalismo produz no campo da ideologia a defesa da inserção precoce no trabalho para os jovens de baixa renda. Se por um lado esses jovens são levados a crer que o trabalho remunerado é única forma de enfrentar as dificuldades encontradas em sua condição social e econômica, por outro, a sociedade em geral o considera como estratégia privilegiada para a remissão de crimes e marginalidade (OLIVEIRA; ROBAZZI, 2001).

O discurso que relaciona jovens pobres a transgressões e que vê no trabalho a solução para a remissão da criminalidade é intensamente propalado pela sociedade brasileira e elide o fato que quanto mais precoce for a inserção no trabalho, mais precarizada ela será, dentre outros fatores pela falta de níveis mais avançados de escolarização (SUHR, 2014).

Popularmente, com base na ideologia dominante, o trabalho assume uma perspectiva moralizante, contribuindo para a constituição de uma subjetividade que o coloca como superação da condição de degradação, elevando os sujeitos ao patamar de alguém merecedor de respeito e digno socialmente, destinando-lhes um lugar na sociedade. Nessa lógica, a submissão à disciplina do trabalho e ao sofrimento que porventura ele traga quando é em postos precarizados, se justifica por um reconhecimento social. O sujeito que não trabalha não é reconhecido como um indivíduo com boa conduta moral (MOURA, 2017).

Esse discurso é, na verdade, falacioso, principalmente na atualidade, em que não há necessidade, do ponto de vista do capital, de inserir todos no trabalho (há máquinas que realizam tarefas rotineiras e repetitivas com maestria) nem no consumo (cada vez mais a produção está direcionada a nichos de mercado). Mas, domina o senso comum.

Além da crença no aspecto edificante do trabalho, nas classes populares há a necessidade real de colaborar com o orçamento familiar. Desta forma, família e sociedade incentivam o ingresso de jovens ao mundo do trabalho, de modo que a maioria dos jovens brasileiros da classe que vive do trabalho exerce alguma atividade remunerada para contribuir com a renda familiar e cobrir gastos pessoais impossíveis de serem arcados pela família. Importa assinalar que o ingresso precoce no trabalho tende a prender o jovem num círculo vicioso de precarização. Com baixo nível de formação, os postos de trabalho disponíveis são os mais simples, com condições e remuneração mais baixos. Interrompendo os estudos para trabalhar, os jovens da classe que vive do trabalho dificilmente conseguirão acessar postos de trabalhos menos precarizados.

Já em 2004, Suhr indicava que os jovens das classes populares egressos do ensino médio, estavam ocupados em funções de baixo conteúdo intelectual, geralmente no setor terciário da economia, que não exigiam domínio de habilidades e competências cognitivas mais desenvolvidas. Mesmo para tais funções que, em princípio não demandariam a conclusão do ensino médio, este era exigido no momento da seleção, embora outros elementos, como aspectos comportamentais e até aparência física se revelassem como os que realmente definiam a contratação.

O discurso favorável ao ingresso dos jovens no mundo do trabalho para além da complementação da renda familiar e do aspecto dignificante aponta também para sua condição de aprendizagem e qualificação para sua formação profissional. No entanto, as funções desempenhadas por estes jovens em nada diferem das funções desenvolvidas por outros trabalhadores, pois não há uma preocupação com a qualificação intelectual, de forma que nada ou quase nada se acrescenta à sua educação profissional (OLIVEIRA; ROBAZZI, 2001).

O ingresso no mercado de trabalho como caráter formador mascarando-se de aprendizado oculta a verdadeira essência da inserção deste jovem no mundo do trabalho, ou seja, do benefício do empregador sobre o empregado, pois o jovem que precisa trabalhar o mais cedo possível e, sem experiência nem formação específica, aceita as condições impostas pelo empregador, que tem a possibilidade de escolher a mão de obra e o quanto quer pagar, sem os encargos exigidos pela legislação brasileira (OLIVEIRA; ROBAZZI, 2001).

Em 2014, Suhr conclui sua tese afirmando que a conclusão do ensino médio se tornou

> [...] a mediação privilegiada para formar um grande contingente de trabalhadores facilmente adaptáveis a várias modalidades de trabalho, contribuindo para a flexibilidade por meio da desqualificação. Isso porque o capital depende cada vez menos do trabalho qualificado e a educação geral viabiliza a participação em treinamentos com foco nas diversas ocupações em que o trabalhador será inserido no longo de sua vida, nos diversos pontos da cadeia produtiva" (SUHR, 2014, p. 154).

Apenas uma minoria de jovens que se inserem precocemente no trabalho tem uma experiência enriquecedora nas atividades que desempenha no que se refere a oportunidades futuras ou uma iniciação que pode abrir portas para postos de trabalho menos precarizados. Para muitos jovens trabalhar significa, na verdade, sacrificar seu futuro, uma vez que precisam trabalhar e estudar ou em muitos casos abandonar a escola por causa do trabalho (OLIVEIRA; ROBAZZI, 2001).

Com as transformações ocorridas nas relações do mundo do trabalho, especialmente para o jovem das classes que vivem do trabalho, o ingresso no mundo do trabalho está cada vez mais incerto. Por um lado, o discurso de que é preciso estudar e alcançar níveis cada vez maiores de formação escolar, e por outro, um mercado de trabalho que expulsa um número significativo de jovens qualificados, muitos dos quais, pós-graduados (ANTUNES, 2018).

A dificuldade de inserção no trabalho não tem relação apenas com a qualificação, mas com restrições impostas pelo metabolismo social do capitalismo e, consequentemente, as transformações na organização do trabalho. Mesmo com níveis superiores de formação, não há mais a garantia de colocação e/ou permanência no mercado de trabalho.

Essa realidade é dissimulada pelo discurso do mérito e do empreendedorismo, ideologias que contribuem para que os sujeitos acreditem serem eles próprios os responsáveis por suas conquistas e fracassos, dependendo unicamente de seus esforços. Desta forma, recai sobre o próprio sujeito a responsabilidade pelo desemprego (GALDINI; BERZIN, 2003) e, consequentemente, pela perda de status perante a sociedade.

A pesquisa que fundamentou este produto educacional buscou compreender os fatores que influenciam os jovens na escolha profissional. Partiu-se da hipótese de que a condição econômica dos jovens pesquisados seria um determinante na escolha profissional e de que estes jovens, por serem oriundos de classes menos favorecidas tenderiam a não seguir para um curso superior, pois, um curso técnico em nível médio, poderia fornecer os recursos necessários para o exercício de alguma profissão. Esta pressuposição não se confirmou. A pesquisa revelou que a maioria dos estudantes pretende dar continuidade a outros níveis de ensino. Ficou evidente que as crenças dominantes entre os jovens entrevistados estão fortemente fundamentadas nos princípios do capital humano, os quais preconizam de que quanto maior a escolaridade, maiores são as chances de ter um emprego garantido e maiores rendimentos, e que para alcançar isso é necessário um investimento em seu próprio futuro através da educação garantindo um acúmulo de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores de níveis intelectuais e de saúde que potenciam a força de trabalho difundindo a ideia de que a ascensão e mobilidade social tem um caminho garantido através da escolaridade, a qual garante empregos bem remunerados.

A pesquisa também mostrou que a maioria dos estudantes tem a intenção de realizar cursos diversos em outras instituições, o que poderia caracterizar um comprometimento no princípio da verticalização enquanto itinerário formativo. Isso, porém, não deve ser considerado um problema, pois a formação recebida não foi perdida nem será descartada mesmo que o jovem mude de área. Isso porque tais conhecimentos ajudaram a constituir a subjetividade desses jovens, sua visão de mundo, inclusive para indicar que a área cursada no ensino médio não é o que desejam para sempre em suas vidas.

A abordagem sócio histórica, que fundamenta este produto educacional, entende que a constituição do ser humano é histórica e não natural. Isso significa que cada pessoa é um sujeito histórico, com características que vão se constituindo a partir das relações que se estabelecem no tempo e no espaço histórico em que vive, desenvolvendo suas potencialidades, mas sempre circunscritas por determinantes

sociais e econômicos. Nessa concepção não há uma vocação a priori, há uma construção do sujeito que, dependendo da realidade em quem vive, poderá ou não desenvolver determinadas habilidades.

Nesta perspectiva, as diversas formas assumidas pelo trabalho resultam de um processo histórico, seu desenvolvimento e propagação são simultâneos às transformações dos modos e relações de produção, à organização da sociedade como um todo e das formas de conhecimento humano (NEVES, 2018).

Tendo claro que para pensar sobre projetos de futuro – que incluam a escolha profissional – vai muito além de mera decisão individual baseada em vocação ou inclinações, é imprescindível que os jovens aprendem a pensar a realidade social e suas multideterminações como algo fundamental a ser considerado quando do planejamento do futuro profissional, não como um impedimento para suas realizações e desejos profissionais, mas como algo que na verdade conforma esses desejos afeta suas escolhas.

Defendemos que há sim, modos de promover no decorrer do ensino médio integrado, um processo reflexivo sobre a configuração do mundo do trabalho na atualidade para que os jovens possam planejar seu futuro profissional com base em dados concretos. E que o estudante da EPT tem o direito de construir um projeto de futuro, baseado na reflexão sobre o funcionamento da sociedade, refletindo sobre seus limites e possibilidades.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. O sentido subjetivo atribuído à escolha profissional: um estudo com jovens de camadas populares. In: OZELLA, Sérgio (Org.). **Adolescências construídas:** a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003. p. 253-276.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão:** o novo proletariado de serviços na era digital. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 26-43, abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622004000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação profissional:** a abordagem sócio-histórica. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Orientação profissional para classes pobres**. São Paulo: Cortez, 2010.

BOCK, Ana Mercedes Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina Gonçalves; FURTADO, Odair (Org.). **Psicologia sócio-histórica:** uma perspectiva crítica em psicologia. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

FERRETTI, Celso João. **Uma nova proposta de Orientação Profissional**. São Paulo: Cortez, 1988.

FIGARO, Roseli. O mundo do trabalho e as organizações: abordagens discursivas de diferentes significados. **Organicom**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 90-100. 2008.

GALDINI, Danilca Rodrigues; BERZIN, Juliana. O sofrimento do jovem psicólogo na busca do primeiro emprego: uma análise psicossocial da exclusão. In: OZELLA, Sérgio (Org.). Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003. p. 315-345.

GOUNET, Tomas. Fordismo e Toyotismo na civilização do automóvel. São Paulo: Boitempo, 1999.

KAHHALE, Edna Maria Severino Peters. Gravidez na adolescência: orientação materna no pré-natal. In: OZELLA, Sérgio (Org.). **Adolescências construídas:** a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003. p. 91-101.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

KUENZER, Acacia Zeneida (Org.). **Ensino Médio:** construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. Concepções de adolescência veiculadas pela mídia televisiva: um estudo das produções dirigidas aos jovens. In: OZELLA, Sérgio (Org.). **Adolescências construídas:** a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003. p. 41-62.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite. A reforma do ensino médio. regressão de direitos sociais. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 20, p. 109-129, jan./jun. 2017.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação profissional no Brasil:** atores e cenários ao longo da história. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

NEIVA, Kathia Maria Costa. **Escala de Maturidade para a Escolha Profissional (EMEP)**. São Paulo: Vetor, 1999.

NEVES, Diana Rebelo et al. Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 318-330, abr./jun. 2018.

OLIVEIRA, Beatriz Rosana Gonçalves; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz. O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 3, p. 83-89, mai. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692001000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 mar. 2019.

OZELLA, Sérgio (Org.). **Adolescências construídas:** a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003.

PACHECO, Eliezer Moreira (Org.). **Fundamentos políticos e pedagógicos dos institutos federais:** diretrizes para uma educação profissional e tecnológica transformadora. Natal: Editora IFRN, 2015.

ROSA, Elisa Zaneratto. Da rua para a cidadania: a construção de sentidos na construção da travessia. In: OZELLA, Sérgio (Org). **Adolescências construídas:** a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003. p. 167-200.

SPARTA, Mônica. O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. **Rev. bras. orientac. prof.**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 1-11, dez. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 nov. 2018.

SUHR, Inge Renate Fröse. **Ensino médio:** possibilidade de ampliação da inserção laboral da classe que vive do trabalho. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

VALORE, Luciana Albanese; CAVALLET, Luiza Helena Raittz. Escolha e orientação profissional de estudantes de curso pré-vestibular popular. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 354-363, ago. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Uvaldo, M. C. C.; Silva, F. F. Escola e escolha profissional: um olhar sobre a construção de projetos profissionais. In: LEVENFUS, Rosane Schotgues. SOARES, Dulce Helena P. (Orgs) **Orientação vocacional profissional**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed: 2010.

6

Mãos...
e cérebro à obra

Feitas as devidas considerações teóricas acerca do processo reflexivo em questão, apresenta-se a seguir a metodologia para a ação. Ação que é conduzida pela reflexão. A sistematização consiste em desenvolver discussões e debates, os quais serão planejados de modo a utilizar conteúdos, recursos de ensino e técnicas em que o tema principal seja o trabalho e todas as suas implicações na sociedade brasileira. Não se trata somente de abordar conceituações teóricas sobre o trabalho, mas realizar uma análise crítica a partir das percepções dos jovens quanto a este tema com o objetivo de oferecer aos participantes oportunidades de reflexão sobre o mundo do trabalho nas suas múltiplas dimensões, sociais, políticas e pessoais, indo além, portanto, da mera informação profissional.

A metodologia proposta não deve configurar-se como algo cristalizado, mas servir de norteador, devendo-se ajustar de acordo com o contexto, os objetivos do grupo de jovens e o estilo dos mediadores.

Mediador será aquele que estiver desenvolvendo as atividades deste processo de reflexão. Compreende os professores (as), psicólogo(a)s, assistentes sociais e pedagógicos.

O encadeamento das temáticas, inserção ou exclusão de conteúdos e/ou atividades podem ocorrer de acordo com as demandas que os jovens trouxerem no decorrer da execução do processo de reflexão. Não há uma receita pronta e definitiva, o envolvimento dos jovens e seus questionamentos no decorrer do processo delinearão o fazer.

A estruturação a seguir configura-se como uma sugestão do encadeamento dos temas a serem discutidos. Será necessário avaliar em que contexto a orientação acontecerá, se em grupos de jovens formados para este fim (como atividade extraclasse) ou se fará parte de temas e conteúdos abordados em disciplinas no próprio contexto da sala de aula com toda a turma.

Sem desconsiderar a possibilidade de formação de pequenos grupos que poderiam ser mediados por um psicólogo ou assistente social e ser realizado em atividades extraclasse, avalia-se que este trabalho possa ser mais significativo se incorporado em conteúdos afins nos planos de aula das disciplinas existentes, com todos os estudantes e com a participação de professores que tenham afinidade com as temáticas, com o cuidado de que não haja descaracterização da proposta nem da abordagem teórica e venha a se tornar apenas mais uma matéria ou conteúdo de curso.

Do registro do processo: O coordenador poderá discutir com os mediadores qual a melhor forma de fazer o registro dos encontros e atividades realizadas com os jovens. Pode-se utilizar ferramentas físicas como portfólios ou diário de bordo ou mesmo virtual, em plataformas ou programas já utilizados pela instituição. Os meios virtuais podem tornar-se importantes ferramentas de registros para acompanhamento do processo, assim como ficarem disponíveis e acessíveis para consulta de professores

ou outros profissionais que estejam participando como mediadores ou que tenham interesse em conhecer ou partilhar desta intervenção.

É importante que haja um coordenador do processo, que poderá ser um psicólogo, assistente social ou um assistente pedagógico.

6.1 Recomendações ao coordenador

A atuação em orientação profissional, embora historicamente atribuída ao psicólogo, não deve ficar restrita a este profissional, podendo ser exercida por outros profissionais, desde que com alguns conhecimentos importantes neste campo de intervenção. Para Bock (2006) a originalidade de uma nova perspectiva de orientação profissional está justamente na participação de profissionais de diversas áreas.

Coerente com essa concepção, a proposta elaborada e descrita a seguir tem como característica não utilizar testes e instrumentos restritos aos psicólogos, de modo que possa ser utilizado, além do psicólogo, por outros profissionais (como pedagogos, assistentes sociais, educadores sociais, orientador educacional e professores) que trabalhem com jovens em processo de escolhas profissionais. Uma maior chance de êxito para que se alcance os objetivos propostos neste processo de reflexão dependerá da escolha de profissionais, doravante denominados mediadores, que tenham apropriação e domínio do tema que abordarão com os jovens.

A seleção destes mediadores deverá ser feita pelo coordenador, o qual também poderá formalizar o convite. Sugere-se a participação de:

Professores de história, geografia ou sociologia que tenham familiaridade com questões do mundo de trabalho, aspectos sociais, econômicos e educacionais de nossa sociedade;

Psicólogo ou assistente social, que tenham maior apropriação dos temas que se referem a abordagem sócio-histórica e a concepção de homem e de mundo que embasa esta teoria, assim como conhecimentos de perspectivas teóricas acerca de juventude e adolescência.

Professores de artes, de língua portuguesa, educação física (Ex: português pode partir de um texto sobre a obsolescência programada das mercadorias para discutir como se organiza a produção e depois usar esse texto para trabalhar conteúdos de língua. Educação física pode discutir a questão da domesticação dos corpos, dos estereótipos de gênero que induzem homens e mulheres para uma ou outra profissão…).

Ao coordenador caberá reunir o grupo de profissionais que atuará no projeto, apresentar a proposta, discutir e deliberar com os participantes quem abordará cada tema com os jovens (se será algum professor ou profissional do departamento pedagógico), delineando quando e como as temáticas serão abordadas. A sugestão é que os conteúdos sejam abordados em aulas relacionadas aos temas, com os professores escolhidos para serem mediadores, assim como os temas abordados por psicólogos, assistentes sociais e pedagógicos sejam incluídos em aulas afins em que estes profissionais façam a abordagem destes conteúdos acompanhados dos professores das disciplinas em questão. Se o grupo de mediadores julgar necessário, poderão ser realizados encontros para aprofundamento dos temas que serão trabalhados com os jovens, utilizando material de leitura, vídeos e outros recursos sugeridos neste instrumento.

O coordenador poderá também, desde que seja de comum acordo com os mediadores, organizar o material e o espaço necessário caso não seja usada a sala de aula. Seu papel principal é o de co-ordenar, ou seja, ajudar a ordenar a ação, dando organicidade, sentido, garantindo um fluxo de processo que garanta a efetivação de todas as etapas assumidas coletivamente.

6.2 Recomendações aos mediadores

Uma maior chance de êxito para que se alcance os objetivos desta intervenção estão estreitamente vinculados à seleção do material utilizado, bem como o domínio de seu conteúdo e a utilização de uma didática que facilite a sua compreensão, respeitando a abordagem e os princípios antepostos,

Possivelmente, a partir das questões propostas para a discussão com os jovens surgirão outros questionamentos que podem remeter a narrativas permeadas por valores e percepções dos ideais liberais dominantes de nossa sociedade. Diante de tais questões o mediador deverá assumir uma postura de questionar estes valores a partir da abordagem teórica que fundamenta este instrumento de orientação profissional.

Sua conduta será a de levantar questões para o debate, problematizar as percepções equivocadas e ampliar o olhar dos jovens acerca dos conhecimentos sobre o mundo do trabalho, por meio de reflexões. O mediador não deverá preocupar-se em dar respostas “certas”, mas auxiliar no processo de tomada de consciência acerca dos fatores que envolvem a escolha profissional numa realidade complexa como a atual.

PRIMEIRA TEMÁTICA

Discutir e ampliar a compreensão acerca do conceito de trabalho

Aborda o trabalho sob a forma de exercício profissional e sua realização no âmbito da sociedade brasileira bem como todas as implicações sociais, econômicas, políticas e culturais tomadas como totalidade. Trata das principais características do mundo de trabalho atual, desemprego, a ideologia dominante e as crenças acerca de sucesso profissional.
Sugestão de mediador:
Professores de história, geografia, sociologia, português.

SEGUNDA TEMÁTICA

Identificação dos determinantes que envolvem uma escolha

Versa sobre as condições necessárias para a realização de uma escolha pessoal, dos fatores e determinantes que a influenciam. Traz questionamentos como: o que significa escolher? Que fatores devem ser considerados para realizar uma escolha profissional assertiva? O que é satisfação profissional? Quais as implicações de uma escolha errada?

Sugestão de mediador:
Psicólogos (as) e assistentes sociais, assistentes pedagógicos

TERCEIRA TEMÁTICA

Autoconhecimento

Aborda questões acerca das concepções inatista e sócio-histórica de homem, defendendo a segunda. Embasado na abordagem que fundamenta este instrumento busca fazer com que os jovens percebam que não somos seres predeterminados. Para isso, reflete-se sobre a imagem e percepção que cada um tem de si e de que somos seres em constante processo de transformação.
Sugestão de mediador:
Psicólogos (as) e assistentes sociais

QUARTA TEMÁTICA

Um olhar para fora

Busca chamar a atenção dos jovens para questões que envolvem os problemas e necessidades da sociedade atual e de que forma eles podem firmar um compromisso de serem atuantes em suas profissões na busca por melhorar tais condições.
Sugestão de mediador:
Psicólogos (as) e assistentes sociais, assistentes pedagógicos

** Estas temáticas poderão subdividir-se em tantos momentos quanto o coordenador, em conjunto com os demais envolvidos no processo, julgar necessários, assim como flexibilizar a ordem das temáticas, alterando da maneira que considerar mais apropriada.*

7

PRIMEIRA TEMÁTICA: O homem e o trabalho

O mundo do trabalho só pensa em dinheiro e não na felicidade, naquilo que a gente vai fazer”

Gabriela, 16 anos

O mundo do trabalho é assim: ou a gente corre atrás ou ele corre atrás da gente, ele tá lá em cima, é como se fosse uma escada, ou tu sobe a escada, estuda e busca uma adequação profissional ou tu cai e fica suscetível a qualquer emprego que cai lá de cima, ai tu tem que se adequar com o que sobra.”

Nilton, 17 anos

7.1 Objetivos

- **Discutir** sobre as principais características do mundo do trabalho;
- **Refletir** sobre a configuração do trabalho no âmbito da sociedade brasileira.
- **Desmistificar** o preceito de "igualdade de oportunidades" numa sociedade que é marcada pelos princípios do capitalismo e assim refletir sobre a crença na meritocracia.

7.2 Proposta de ação

Sugere-se que para trabalhar esta temática sejam realizados dois encontros, de aproximadamente 1h30min cada. As dinâmicas e técnicas que seguem são sugestões, os mediadores e o coordenador poderão avaliar quanto à necessidade de fazer mais do que dois encontros, quanto à necessidade de ampliação do tempo sugerido para os encontros e a inserção de novas práticas para abordar esta temática com os jovens.

Assistir ao curta-metragem: "Ilha das flores". O documentário aborda temas como o consumismo, desigualdade social, fome e pobreza, gerados pelo sistema capitalista. Ilha das Flores é um local na cidade de Porto Alegre destinado ao depósito de lixo. O curta apresenta a trajetória de um tomate, desde a colheita ao descarte por uma dona de casa, até a chegada ao lixão da ilha, onde crianças disputam alimentos que não serviram de alimento para os porcos.

Após a exibição do documentário poderá ser promovido um ciclo de debates, apontando cenas que retratam o consumismo, a geração de riqueza e exclusão social.

- Discussão em pequenos grupos, seguidas de uma apresentação acerca do que foi debatido para todos os participantes.

ILHA DAS FLORES
https://www.youtube.com/watch?v=auJHl9ztJ_E

Fazer a leitura do conto: “A profissão” de Isaac Asimov (1977). É um conto que descreve a situação de dois jovens que vivem a situação da escolha profissional. O texto aborda assuntos como aquisição de conhecimento, escola, o uso dos testes vocacionais, vocação, dons, família, mercado de trabalho, competição, ascensão social entre outros temas bastante comuns no processo de escolha profissional.

O conto poderá ser lido em duplas ou pelo grande grupo. Poderá ter como objetivo fazer a identificação dos determinantes e características comuns ao que os próprios jovens podem estar vivenciando.

- Rodas de conversas, formando um círculo, todos os estudantes debatem o tema proposto.

A PROFISSÃO
https://www.yumpu.com/pt/document/view/12802255/isaac-asimov-nove-amanhas-contos-do-futuro-mkmousecombr

7.3 Questões norteadoras

As questões apresentadas a seguir tem o objetivo de orientar o debate e a reflexão, são questões importantes para serem discutidas com os jovens. Não devem ser lidas para os estudantes, mas sim provocar o debate. Após cada pergunta segue um breve texto que auxiliará o mediador a direcionar a discussão.

Mediador, lance a pergunta aos jovens e observe suas respostas, procure fazê-los refletir com outras perguntas, buscando ampliar seus conhecimentos acerca do que lhes foi perguntado.

1. O que é trabalho?

“a gente é agricultor, a minha mãe não trabalha, no caso”

Emily, 15 anos

Desde os mais antigos tempos o trabalho é uma atividade social central para a garantia da sobrevivência de homens e mulheres, assim como para a organização e funcionamento das sociedades (MANFREDI, 2016). Durante a história da humanidade o trabalho adquiriu diferentes sentidos, a depender do contexto, momento político, econômico e cultural. Passou de uma ação que tinha por objetivo garantir a sobrevivência do indivíduo e sua coletividade para servir à geração de lucro (OZELLA, 2003).

Para Saviani (2007), o trabalho é a essência do homem, o que o homem é, o é pelo trabalho. Diferentemente dos animais que se adaptam à natureza, o homem busca adaptar a natureza a si, ajustando-a para suas necessidades, age sobre ela e a transforma, esta prática é o que conhecemos com o nome de trabalho. É um processo histórico, pois se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo.

Para Ozella (2003), a partir do trabalho o homem não somente se constrói como, também, cria relações com os outros homens e nesse processo que é único, os homens se reconhecem como tal, enquanto trabalhadores e cidadãos. Sendo assim, o trabalho como atividade humana, como produção material e constituição de si mesmo possibilita as construções concretas e intelectuais, contribuindo para a estruturação do psiquismo e existência humana.

Na maioria das sociedades pré-industriais, prevaleceu um sistema de produção de bens materiais dirigidos para necessidades materiais e imateriais limitadas e pouco variáveis, ou seja, uma economia de subsistência. Até o surgimento do capitalismo o trabalho é indissociável de seus fins e da vida social em seu conjunto. É autônomo e independente. Quem trabalha decide o que, como, quando e em que ritmo fazer. O processo de trabalho é controlado pelo trabalhador, os meios de produção e instrumentos de trabalho, bem como as técnicas para sua elaboração, por serem rudimentares, estão à disposição de todos e dominadas por qualquer um que queira ter acesso, independente de escolaridade ou disponibilidade financeira (MANFREDI, 2016).

O processo de transformação do trabalho para a forma como popularmente o conhecemos hoje, assumindo as características do capitalismo, tem início com a priorização da produção de bens para a troca, para os mercados, inicialmente com produtos agrícolas e posteriormente com produtos fabricados em oficinas e fábricas. O trabalho fabril submeteu o homem à máquina, estabelecendo um ritmo mecânico de tempo e intensidade, ao qual o trabalhador tem que se subordinar, surge assim o modelo de produção fordista. De um processo de trabalho variado, de múltiplas tarefas distintas que resultam em variedade, passa-se para a produção desmembrada em tarefas simples, com foco para a economia de tempo, com rotinas calculadas, padronizadas e monótonas (MANFREDI, 2016).

2. Como está organizada a forma de trabalho em nossa sociedade atual? Quais suas principais características e implicações?

A organização do trabalho no Brasil segue, de modo geral, as determinações econômicas impostas pelo capitalismo na sua atual fase de acumulação. É necessário esclarecer ao jovem que o sistema capitalista trata o trabalhador como uma simples mercadoria capaz de produzir outras. E que o trabalho está cada vez mais fragmentado e a escolha de uma profissão, na verdade, é a escolha de uma pequena parte de todo o processo.

De acordo com Antunes (2006, p. 19),

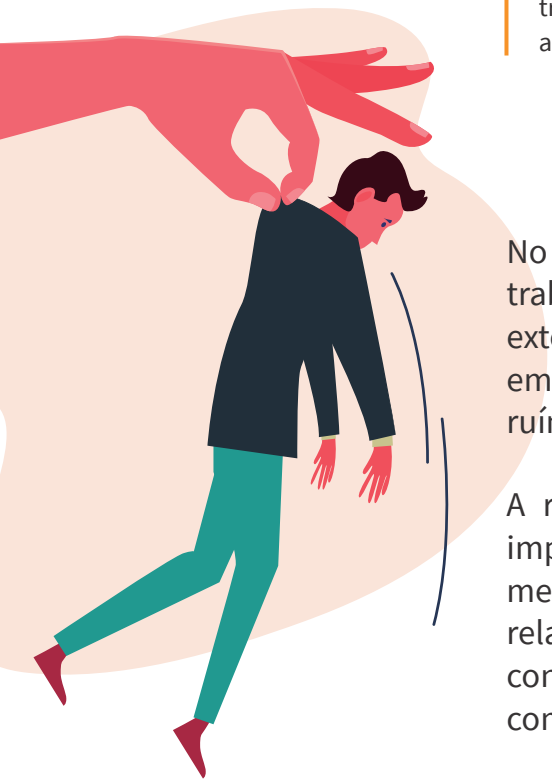
> No estágio atual do capitalismo brasileiro, enormes enxugamentos da força de trabalho combinam-se com mutações sociotécnicas no processo produtivo e na organização do controle social do trabalho. A flexibilização e a desregulamentação dos direitos sociais, bem como a terceirização e as novas formas de gestão da força de trabalho implantadas no espaço produtivo, estão em curso acentuado e presentes em grande intensidade, coexistindo com o fordismo que parece ainda preservado em vários ramos produtivos e de serviços, (…), mas quando se olha o conjunto da estrutura produtiva, pode-se também constatar que o fordismo periférico e subordinado, que foi aqui estruturado, cada vez mais se mescla fortemente com novos processos produtivos, em grande expansão, consequência da liofilização organizacional, dos mecanismos próprios oriundos da acumulação flexível e das práticas toyotistas que foram e estão sendo assimiladas com vigor pelo setor produtivo brasileiro.

O desemprego estrutural é uma das consequências deste novo estágio do capitalismo, assim como a diminuição do operariado tradicional, alterando qualitativamente a forma do trabalho nas indústrias. Assim, ocorrem dois fenômenos contraditórios nos requisitos necessários para o exercício do trabalho: de um lado a intelectualização de uma parte da classe trabalhadora e, por outro, uma grande desqualificação pelo trabalho multifuncional (BOCK, 2010).

Diferentes mudanças marcam profundamente o mundo do trabalho hodierno como a exclusão dos trabalhadores com idades próximas aos 40 anos, considerados "idosos" pelo capital; a inclusão precoce e criminosa de crianças nas mais diversas atividades produtivas; a expansão do setor de serviços e do terceiro setor; o crescimento do trabalho em domicílio; a transnacionalidade; e o aumento significativo do trabalho feminino, absorvidos principalmente no universo de trabalho part-time, precarizado e desregulamentado e com níveis de remuneração, em média, inferiores àqueles recebidos pelos trabalhadores masculinos (ANTUNES, 2004).

Sobre as mudanças ocorridas no mundo do trabalho relativas aos jovens, Antunes (2004) destaca:

> Outra tendência presente no mundo do trabalho é a crescente exclusão dos jovens, que atingiram a idade de ingresso no mercado de trabalho e que, sem perspectivas de emprego, acabam muitas vezes engrossando as fileiras dos trabalhos precários, dos desempregados, sem perspectivas de trabalho, dada a vigência da sociedade do desemprego estrutural (ANTUNES, 2004, p. 339).



No século XXI ao mesmo tempo em que o contingente de trabalhadores e trabalhadoras se amplia, há uma redução extensa dos empregos, aqueles que conseguem se manter empregados presenciam a dissolução dos direitos sociais e a ruína das conquistas históricas (ANTUNES, 2018).

A relação entre o trabalhador e as organizações adquiriu importância fundamental a partir da Revolução Industrial. O mercado de trabalho, enquanto espaço em que ocorrem relações entre indivíduo, instituições e sociedade, modifica-se constantemente, dando origem a múltiplas formas de compreender como estas relações podem se efetuar.

Mercado de trabalho é um termo que se refere as formas existentes de trabalho, sendo prestadas de forma manual ou intelectual, ou seja, as pessoas trocam sua mão de obra/ experiência por um salário e/ou benefício.

O mercado de trabalho atual é algo flutuante: a profissão que hoje pode ser promissora, daqui a algum tempo pode ser estar saturada, ou seja, mais oferta do que procura, havendo o rebaixamento do salário. A instabilidade e insegurança são traços constitutivos dos tempos atuais.

O jovem que ingressa no mercado de trabalho vigente encontra menos segurança em relação as atribuições e nas chances de carreira, assim como uma maior exigência de flexibilização. O modelo antecedente que tinha como base a segurança, estabilidade e regularidade cada vez mais é substituído por outro que privilegia a possibilidade de mudanças na formação e no trabalho.

3. Qual a ideologia dominante em nossa sociedade?

Numa determinada sociedade coexistem ou polarizam-se diversas ideologias. No entanto, a classe dominante, ao deter os meios de produção material, possui também os mecanismos e instrumentos de produção simbólico-ideológica (representações e discursos, signos e símbolos, condutas e atitudes). Por ideologia entende-se a leitura da realidade realizada pela classe dominante e que postula sua universalidade, não necessariamente falsa (é real para aquela classe que possui condições sociais e econômicas para consumar os conceitos desta ideologia), mas com compromisso de classe.

A sociedade brasileira está fortemente ancorada em ideais liberais nos quais o individualismo, a liberdade e a igualdade são os três axiomas básicos. Na ideologia liberal acredita-se que o indivíduo basta a si próprio, pelo seu esforço para desenvolver-se, para tornar-se este ou aquele sujeito, para assumir esta ou aquela posição social, para ter ou não uma profissão que o realize.

De acordo com Ferreti (1998, p. 32), “O individualismo acredita terem os indivíduos atributos diferentes e que a cada pessoa dever-se-ia possibilitar desenvolvê-los, em competição com os demais, ao máximo de sua capacidade”. Desse esforço competitivo resultam os méritos pessoais de cada um e sua merecida ascensão social.

Neste sentido, o indivíduo é compreendido como causa e consequência de si mesmo, é tomado como a-histórico e individualizado, sendo que a materialidade, a relação com os outros e tudo que diz respeito a sua vida concreta não é considerado. Neste prisma, o mundo é um cenário neutro, não determinante, que não influi neste suposto livre desenvolvimento das aptidões individuais. Deste modo: "se o indivíduo permanece estacionário, se degrada seu potencial ou se o desenvolve, a responsabilidade por tal situação não cabe a outrem sendo ao próprio indivíduo" (FERRETTI, 1988. p. 32).

Por esse raciocínio, o individualismo não só admite como justifica as desigualdades sociais, uma vez que se todos os indivíduos não possuem as mesmas aptidões, e se todos não as desenvolvem igualmente ou no mesmo ritmo (por falta de esforço), nada mais natural que alguns ocupem posições mais baixas que outros na estrutura social (FERRETTI, 1988. p. 32).

O segundo axioma básico do liberalismo é o de que o indivíduo é "livre" para ser quem ele deseja ser, para ser pobre ou ser rico, para ter uma profissão que o satisfaça ou para submeter-se a exploração. "O princípio da liberdade presume que um indivíduo seja tão livre quanto outro para atingir uma posição social vantajosa, em virtude de seus talentos e aptidões" (FERRETTI, 1988. p. 33).

O terceiro princípio parte do pressuposto de que todos os indivíduos são iguais, para desenvolver suas aptidões a partir de seu esforço. Não se trata de igualdade material, pois esta é decorrente do próprio esforço e conquistas de cada um, qualquer pessoal tem igual oportunidade perante a lei, de conseguir seu progresso pessoal e posição social vantajosa, cabendo aos talentosos e/ou trabalhadores melhor posição social e mais riqueza (FERRETTI, 1988. p. 34).

Mediador: Toda a discussão sobre os princípios do liberalismo resultará de outros questionamentos importantes a serem feitos aos estudantes, lance as perguntas a seguir:

★ Todos os jovens têm as mesmas condições de fazer escolhas (profissionais)?

★ Um jovem que precisa trabalhar e estudar tem as mesmas oportunidades que os jovens que só estudam?

★ A escassez econômica que obriga uma criança/adolescente a trabalhar é responsabilidade desta criança não ter condições adequadas para estudar?

4. Por que não há emprego para todos?

Vejo que vai ser difícil arrumar um emprego, por que é muita gente por aí.”

Vilmar, 16 anos

O modo de produção capitalista e as transformações no mundo do trabalho produzem a necessidade de um desenvolvimento desigual de acumulação de riqueza e ampliação da miséria. Ao mesmo tempo em que se amplia o contingente de trabalhadores há uma redução imensa dos empregos, e aos que se mantém empregados presenciam a corrosão dos seus direitos sociais, consequência da lógica destrutiva do capital (ANTUNES, 2018).

Os grandes saltos tecnológicos no capitalismo avançado intensificam os processos produtivos automatizados, como consequência há uma significativa redução dos postos de trabalho, ou seja, cada vez mais máquinas e robôs eliminam a força de trabalho (ANTUNES, 2018).

Uma análise do capitalismo atual evidencia um mecanismo que expulsa da produção uma infinidade de trabalhadores que se tornam sobrantes. Este processo tem clara funcionalidade para o capital, ao intensificar o bolsão de desempregados reduz ainda mais a remuneração da força de trabalho em amplitude global, através da retração salarial dos que se encontram empregados (ANTUNES, 2018).

5. Uma boa formação e níveis maiores de formação garantem empregos?

[…] Hoje em dia, fazer faculdade, ela só te forma mais, antigamente era um bônus quem tinha faculdade, hoje já é mais concorrido, porque praticamente todo mundo faz faculdade”

Nilton, 17 anos

O discurso em voga dita que o desemprego tem como causa a baixa escolaridade da população brasileira e somente os mais qualificados e com maiores níveis de ensino terão possibilidades de encontrar empregos. Implícita ou explicitamente culpa-se o desempregado pelo seu próprio desemprego. Porém, no estágio do capitalismo brasileiro atual utiliza-se intensamente a tecnologia no processo produtivo para o enxugamento da força de trabalho e a substituição maciça de trabalhadores o que acaba por gerar um descarte de um grande contingente de trabalhadores.

Sendo assim, a dificuldade em ingressar no mercado de trabalho não tem relação apenas com a qualificação, mas com restrições impostas pelas leis do capitalismo e as transformações no mundo do trabalho. Mesmo com níveis superiores de formação, não há mais a garantia uma colocação no mercado de trabalho.

6. Como a educação se relaciona com os processos produtivos em nossa sociedade?

A história da educação no Brasil acompanha o movimento das determinações econômicas, políticas e sociais de todo o movimento do capital. As incessantes alterações nas configurações no capitalismo exigem uma nova conformação ético-política às alterações das relações sociais capitalistas, tendo em vista sua reprodução, assim como a organização e sujeição das classes dominadas (NEVES; PRONKO, 2008).

As diversas modificações promovidas na educação estão fortemente marcadas por sua funcionalidade a este modelo de desenvolvimento econômico (capitalismo) historicamente adotado no país. Inicialmente, o modelo econômico de exportação agrícola (lavoura rudimentar e agroindústria açucareira) e extrativismo (atividades mineradoras), trabalhos predominantemente práticos, não exigiam nenhuma qualificação, e portanto, não havia preocupação com a educação das classes trabalhadoras, a maioria constituída de escravos africanos e índios (Moura, 2010). Sob esta conjuntura, de relações de produção e trabalho escravo do Brasil colônia, que assinala a composição inicial da nossa sociedade, foi se consolidando o trabalho manual como impróprio às camadas da população economicamente favorecidas (TUPPY, 2007).

Nestas circunstâncias, até o século XIX não houve iniciativas sistemáticas características da educação profissional, destinadas a preparar para uma ocupação ou profissão. A aprendizagem dos ofícios era realizada assistematicamente na colônia, no próprio fazer dos ajudantes e aprendizes. A educação sistemática, escolar, propedêutica, existia apenas para as elites com o objetivo de formar dirigentes (MOURA, 2010). Com as novas demandas do campo econômico no início do século XX, a educação profissional que inicialmente teve uma perspectiva assistencialista e com o objetivo de amparar órfãos, desvalidos e desprovidos de sorte, começou a ser organizada para formar operários minimamente qualificados para o exercício profissional (MOURA, 2010).

A dualidade entre formação para o trabalho e a educação propedêutica vai sublinhar toda a história da educação brasileira. Desde o seu surgimento houve uma clara distinção entre a educação das elites e das classes trabalhadoras. A educação propedêutica sempre esteve voltada para a formação dos dirigentes da elite, para o trabalho intelectual (MOURA, 2010). A educação profissional esteve reservada às classes de baixa renda com o objetivo de formar para o trabalho manual (SCHENKEL, 2012).

De acordo com Ramos (2010), é preciso construir um projeto de ensino médio que transcenda a dualidade entre formação específica e formação geral, que desloque o foco de seus objetivos do mercado de trabalho para o sujeito, sujeito este que tem uma vida, cultura e história. Este projeto deve desenvolver possibilidades formativas que considerem as diversas necessidades socioculturais e econômicas dos indivíduos que os constituem, que estes indivíduos sejam reconhecidos não apenas como um projeto de mão de obra, trabalhadores de um futuro incerto, mas como sujeitos de direitos.

Dividida em níveis e modalidades a escola é pertinente à hierarquização estabelecida na produção capitalista de mercadorias, assim, desde o seu surgimento a escola carrega em si uma dupla finalidade: de formação técnica e a conformação ético-política para o trabalho e vida em sociedade. Estas finalidades vão se modificando de acordo com o desenvolvimento das forças produtivas e mudanças nas relações de produção, relações de poder e relações sociais, de forma que fique garantida a reprodução material da existência e a coesão social, ou seja, uma sociabilidade das massas trabalhadoras que contribua para a reprodução ampliada do capital e para a obtenção do seu consentimento para as relações de exploração e dominação burguesa (NEVES; PRONKO, 2008).

Não obstante, ainda que a escola exista sob influência predominantemente da concepção de mundo burguesa e atrelada às necessidades da reprodução da força de trabalho do modo de produção capitalista, contraditoriamente, ela se constitui também em demandas da classe trabalhadora, pois, tendo acesso ao conhecimento elaborado estes sujeitos encontram condições para o enfrentamento da exploração do capital, sendo, portanto, um importante espaço de luta por melhores condições de trabalho, de alargamento do grau de conscientização política e de formulação de uma concepção de mundo emancipatória das relações sociais vigentes.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão:** o novo proletariado de serviços na era digital. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, mai./ago. 2004. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87314215003>. Acesso em: 19 nov. 2018.

ASIMOV, Isaac. A profissão. In: _____. **Nove amanhãs:** Contos de um futuro próximo. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1977.

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação profissional para classes pobres.** São Paulo: Cortez, 2010.

FERRETTI, Celso João. **Uma nova proposta de Orientação Profissional.** São Paulo: Cortez, 1988.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação profissional no Brasil:** atores e cenários ao longo da história. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

MOURA, Dante Henrique. Ensino médio e educação profissional: dualidade histórica e possibilidades de integração. In: MOLL, Jaqueline et al. **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo:** desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 58-79.

NEVES, L.M.W.; PRONKO, M.A. **O mercado do conhecimento e o conhecimento para o mercado**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

OZELLA, Sérgio (Org.). **Adolescências construídas:** a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003.

RAMOS, Marise. Ensino médio integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. In: MOLL, Jaqueline et al. **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo:** desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 42-57.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2018.

SCHENKEL, Cladecir Alberto. **Gestão ambiental:** perfil profissional e formação em cursos superiores de tecnologia e de bacharelado. 2012. 348 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

TUPPY, Maria Isabel Nogueira. A educação profissional. In: OLIVEIRA, R.P. ADRIÃO, T. (Org.). **Organização do ensino no Brasil:** níveis e modalidades na Constituição e na LDB. São Paulo: Xamã, 2007. p. 38-53.

8

SEGUNDA TEMÁTICA: Identificando os determinantes de escolha

8.1 Objetivo

★ **Provocar** uma reflexão junto aos jovens sobre as condições necessárias para efetuar uma escolha profissional, dos fatores e determinantes que influenciam nesta tomada de decisão.

8.2 Proposta de ação

Sugere-se que para trabalhar esta temática sejam realizados dois encontros, de aproximadamente 1h30min cada encontro. As dinâmicas e técnicas que seguem são sugestões, os mediadores e o coordenador poderão avaliar quanto à necessidade de fazer mais do que dois encontros, quanto à necessidade de ampliação do tempo sugerido para os encontros e a inserção de novas práticas para abordar esta temática com os jovens.

Realizar a seguinte dinâmica com os jovens[1]:

Material: giz ou fita crepe

Desenha-se uma linha no chão, com giz ou fita crepe. Um dos extremos da linha representa a total autonomia pessoal quanto à escolha e decisão sobre uma profissão. O outro extremo representa a presença de fatores determinantes que interferem nas escolhas profissionais.

Inicialmente os jovens se posicionam no centro da linha e após cada afirmativa lida pelo mediador (descritas a seguir) deverá dar um passo em direção ao extremo ao qual este jovem se identifica com a frase lida pelo professor.

➧ Sugestão de afirmativas para a técnica (o mediador deverá ampliar o número de afirmativas, buscando questões diretamente relacionadas aos jovens do grupo, os próprios jovens poderão sugerir afirmativas que refletem seus dilemas):

★ Posso escolher cursar qualquer graduação sem preocupar-me com questões financeiras.

1 Técnica descrita no livro: BOCK, Silvio Duarte. Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2006. Foram realizadas algumas modificações da técnica original.

★ A satisfação pessoal é a condição mais importante para determinar minha escolha.

★ O meu sucesso profissional depende unicamente do meu esforço e dedicação.

★ Não preciso me atentar para o mercado de trabalho para fazer minha escolha profissional.

★ O vestibular seleciona os mais preparados, por isso não preciso me preocupar.

A sugestão é que a cada questão apresentada pelo mediador e após a decisão do jovem pela escolha de um ou outro extremo aconteça uma breve discussão acerca da escolha. Questiona-se aos jovens, diante dos seus comentários, se eles gostariam de mudar esta condição e quais as chances reais para viabilizar esta mudança. É importante que eles percebam que há determinantes que interferem nas suas escolhas, independente da sua vontade, esforço e dedicação. Contudo, é importante sempre enfatizar que há um espaço para escolhas, mesmo circunscrita por alguns determinantes.

Nesta técnica, assim como em todas as outras estratégias de intervenção, o mediador deverá promover a contribuição de todos na tentativa de dirimir as dúvidas e dilemas colocados pelos jovens.

Realizar a seguinte técnica com os jovens: Técnica dos bombons[2]

Material: uma caixa de bombons sortidos e conhecidos pelos jovens

Todos deverão estar sentados em um grande círculo. O mediador passará a caixa para que cada participante escolha um bombom. Em seguida, solicita-se a cada jovem o motivo pelo qual escolheu aquele bombom. Observando a explicação dada pelo jovem, todos tecem comentários acerca da sua exposição de motivos, buscando associar o ato da escolha do bombom com as escolhas profissionais.

A seguir, serão explanados alguns exemplos de comentários e como eles podem ser associados com a escolha profissional.

2 Técnica apresentada por Rosane Schotgues Levenfus.

“Não escolhi, peguei o primeiro que vi”, “estava todo mundo esperando, então peguei rápido o primeiro que vi”, “não escolhi direito, se eu tivesse mais tempo teria pensando mais”.

★ Respostas como esta podem gerar comentários acerca da urgência em escolher uma profissão “no tempo certo”, pois há expectativa da família, dos amigos de que todos devem terminar o ensino médio sabendo o que querem fazer. É preciso desmistificar a ideia de que existe um momento certo para saber a profissão qual profissão seguir, e de que a escolha errada implica em um erro que não tem solução. Sempre é possível mudar, redirecionar e até mesmo escolhas que podem parecer erradas podem ensinar algo.

“Escolhi este por que gosto de qualquer um que tenha amendoim”, “gosto de qualquer um que seja de chocolate branco”.

★ Pode-se refletir com os jovens sobre escolhas de profissões que são realizadas baseadas em questões bastante específicas, por exemplo: “escolhi medicina veterinária por que gosto de animais”, escolhi técnico em agropecuária por que gosto da área rural. Certamente, gostar de questões centrais de uma profissão é importante, porém, há muitos outros fatores que deverão ser avaliados e que consistem em uma profissão.

“Fiquei com muitas dúvidas, por que gosto de muitos”.

★ Enfatiza-se que muitas escolhas podem ser difíceis por gostarmos de todas as opções, mas qualquer escolha implica em abrir mão de uma quando escolhe outra. É importante é que se consiga ficar satisfeito com a escolha que fez, aceitando o fato de que não é possível escolher tudo.

“Escolhi este bombom por que tem bastante propaganda na televisão, deve ser bom”.

★ Evidencia-se o poder da mídia e propagandas e de como isso pode interferir nas escolhas. A mídia costuma valorizar certas profissões em detrimento de outras.

“Aquele que eu queria já pegaram”.

★ Sublinha-se quanto a questão de valorizar mais o trabalho ou profissão de outra pessoa, achar que somente se sentirá feliz e satisfeito se fizer “aquela” atividade, acreditar que aquela era sua “verdadeira vocação”. Enfatiza-se sobre a importância de sentir-se satisfeito com nossas escolhas e reconhecer que existem aspectos positivos e negativos em todas as profissões.

Não existem intervenções e associações prontas e certas, as explicações dos jovens quanto à escolha do bombom serão diversas e inúmeras, o importante é conseguir aproveitar e associar dentro do possível cada momento para trabalhar a questão da escolha profissional com o modo como o jovem escolheu o bombom.

O objetivo é que os jovens tenham a oportunidade de fazer uma reflexão sobre como as escolhas podem ser feitas, quais critérios são utilizados e como estes critérios podem gerar angústias ou tranquilidade, dependendo da interpretação que podem ser feitas.

8.3 Questões norteadoras

As questões apresentadas a seguir tem o objetivo de orientar o debate e a reflexão, são questões importantes para serem discutidas com os jovens. Não devem ser lidas para os estudantes, mas sim provocar o debate. Após cada pergunta segue um breve texto que auxiliará o mediador a direcionar a discussão.

Mediador, lance a pergunta aos jovens e observe suas respostas, procure fazê-los refletir com outras perguntas, buscando ampliar seus conhecimentos acerca do que lhes foi perguntado.

1. O que significa “escolher” em nossa sociedade?

A perspectiva sócio-histórica afirma que não há plena liberdade de escolha e nem plena determinação social. Destaca que de acordo com a classe social do sujeito, este tem mais ou menos liberdade para decidir, contudo, esta escolha sempre será multideterminada (BOCK, 2010). Entende-se que mesmo em situações bastante limitadas o sujeito pode encontrar possibilidades de transformação e mudanças, ele deve reconhecer que existem oportunidades de intervir sobre as condições sociais através de ações individuais ou coletivas que possibilitarão intervenções em sua trajetória de vida.

Além dos determinantes concretos, como as condições econômicas que impedem o jovem de realizar um curso porque não tem condições de frequentar uma faculdade, as escolhas estão permeadas por construções subjetivas de sua vivência social, a partir do sentido que cada pessoa dá para suas experiências. Sendo assim, a ideologia dominante, as formas de trabalho, o funcionamento do mercado de trabalho, o papel da educação, os valores e grupos de pertencimento tornam-se parte da subjetividade de cada indivíduo, a partir do sentido que cada sujeito atribui às suas experiências e tornam-se determinantes quanto às escolhas profissionais. Desta forma, quando um jovem expressa que seu sucesso profissional depende exclusivamente de seu esforço pessoal revela o quanto ele absorveu e subjetivou um dos valores da ideologia dominante (liberal).

Na perspectiva sócio-histórica a escolha profissional se constitui como qualquer outra escolha, um momento de ruptura e conflito e é por meio da resolução deste conflito, observando os determinantes desta decisão que se chegará a uma opção.

2. Quais as implicações e desdobramentos das escolhas?

> *Pra quem pensa em fazer faculdade, você começa a fazer faculdade e pensa assim: eu amo essa área, mas depois de um tempo é capaz de enjoar, dai você gastou cinco anos da sua vida fazendo aquilo pra depois de um tempo perder essa vontade”*
>
> ***Liedson, 16 anos***

É comum os jovens acreditarem que há uma idade certa e uma única oportunidade para fazer a escolha profissional e que esta escolha é para a vida toda. É preciso enfatizar que a possibilidade de mudança sempre estará presente, e que é possível aprender mesmo quando se acredita ter feito a escolha errada de um curso ou profissão. Durante toda a vida haverá experiências sociais e relações com outras pessoas que poderão alterar os interesses profissionais.

3. Quais fatores deverão ser considerados para realizar uma boa escolha?

Os jovens deverão observar e analisar muitos fatores para realizar uma escolha profissional:

- **Observar** cuidadosamente todas as tarefas e encargos que envolvem as profissões desejadas e analisar se gostarão de fazer tais coisas, porém, muitas vezes só descobrirão se gostarão ou não de fazer algo quando praticarem;

- **Conversar** com profissionais da área, ainda assim deve-se ter claro que serão analisadas preferências de outras pessoas, com outras características e gostos pessoais.

- **Associar** as coisas que gostam de fazer com a profissão, todavia uma profissão envolve muitas outras questões, por exemplo, alguém que escolhe medicina veterinária porque gosta de animais deverá conhecer todas as práticas que envolvem o fazer do médico veterinário que não necessariamente seja lidar com animais. Deve-se enfatizar também que os gostos pessoais são mutáveis.

- Por fim, **qualquer escolha** envolve sempre um ato de coragem, mesmo avaliando todas as variáveis possíveis não há garantias de que foi a melhor escolha. Não existe indicador capaz de apontar previamente com total certeza qual a melhor escolha.

Enfatiza-se que a escolha sempre remeterá a um **conflito ou dilema**, pois escolher significa optar entre possibilidades que são igualmente atrativas e também com desvantagens, portanto sempre haverá perdas e ganhos.

REFERÊNCIAS

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação profissional.** A abordagem sócio-histórica. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Orientação profissional para classes pobres.** São Paulo: Cortez, 2010.

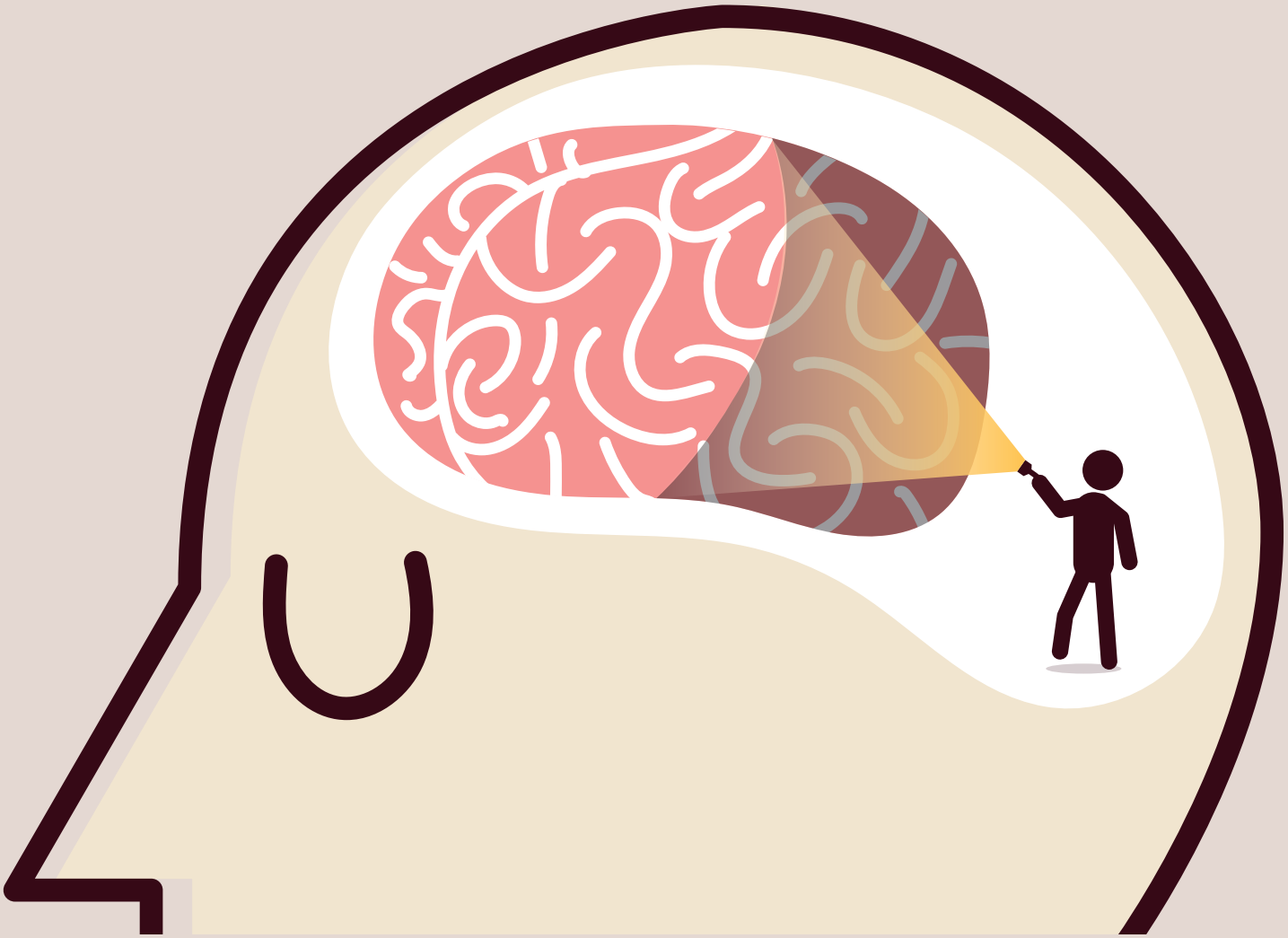
LEVENFUS, Rosane Schotgues. SOARES, Dulce Helena P. (orgs) **Orientação vocacional profissional.** 2 ed. Porto Alegre: Artmed: 2010.

9

TERCEIRA TEMÁTICA: Autoconhecimento: o homem sócio-histórico

Quando vim pra cá queria ser veterinária, ai eu vim pra cá e comecei a duvidar se era isso mesmo que eu queria, por que comecei a aprender o outro lado, a questão mais com planta, ai eu comecei a me interessar, as coisas mudam”

Emily, 15 anos



9.1 Objetivo

- **Levar** os estudantes a perceberem que não somos seres predeterminados.
- **Refletir** sobre a imagem e percepção que cada um tem de si e de que somos seres em constante processo de transformação.

9.2 Proposta de ação

Sugere-se que para trabalhar esta temática sejam realizados dois encontros, de aproximadamente 1h30min cada encontro. As dinâmicas e técnicas que seguem são sugestões, os mediadores e o coordenador poderão avaliar quanto à necessidade de fazer mais do que dois encontros, quanto à necessidade de ampliação do tempo sugerido para os encontros e a inserção de novas práticas para abordar esta temática com os jovens.

Realizar a seguinte dinâmica com os jovens: Tribunal do júri

Para promover o debate acerca da concepção de homem sócio-histórico sugere-se a seguinte dinâmica: Dividem-se os participantes em dois grupos. Cada um terá que defender uma tese, como em um tribunal de júri.

Cada grupo deverá justificar e exemplificar sua tese, buscando comprová-la. O texto com a primeira tese deverá ser entregue apenas para o grupo que defenderá esta tese, o qual deverá lê-lo entre si, elaborar sua explanação e preparar a defesa sobre esta tese, utilizando informações do texto e buscando dar exemplos de como esta teoria pode ser observada de maneira concreta.

O texto com a segunda tese deverá ser entregue apenas para o grupo que defenderá esta tese, que deverá também ler entre si, elaborar sua explanação e planejar sua defesa, buscando defender sua teoria utilizando de exemplos. Cada grupo poderá ter um advogado de defesa, que fará perguntas ao grupo que está fazendo sua defesa, a fim de aprofundar ou contestar a explanação do grupo adversário, para que os jovens possam ampliar seus conhecimentos e a consciência crítica. O mediador poderá ser o juiz. Ao final, faz-se uma discussão com o grande grupo e avalia-se as defesas.

A expectativa é que os jovens ouçam os argumentos a favor e contra cada tese, para que possam ampliar a discussão, criticar e até mesmo modificar seu ponto de vista. Espera-se que os jovens possam compreender que a crença em uma perspectiva de inatismo não encontra uma fundamentação que a sustente, que foi criada em um determinado tempo-espaço, que não representa uma totalidade.

A primeira tese refere-se a considerar que o homem nasce predeterminado para as profissões. A aproximação dos indivíduos com uma ou outra profissão se dá por certas características, um perfil que o sujeito tem e que são pré-requisitos para determinadas profissões.

Primeira tese: O inatismo é a crença em aptidões que já nascem com o sujeito, faz crer que o indivíduo tem uma ocupação/profissão adequada na sociedade. Uma boa escolha profissional é aquela que consegue harmonizar o perfil pessoal com o perfil da profissão. O indivíduo, ao longo do seu desenvolvimento, vai cristalizando suas características inatas e passa a apresentar determinadas aptidões e interesses que se identificam com alguns perfis exigidos por determinadas profissões. Cada profissão exige um determinado perfil pessoal. O perfil pessoal é identificado a partir de uma série de testes e inventários que revelarão quais são as aptidões e o perfil do sujeito e assim, ele deverá comparar em quais profissões suas características se encaixam. A partir de uma escolha profissional acertada, este indivíduo tem a chance de ascender socialmente.

Sugestões de contestação para o advogado de acusação:

★ Apresente uma série de características exigidas por algumas profissões e questione se as características em questão não podem ser atribuídas a inúmeras outras profissões.

★ Apresente alguns exemplos de pessoas que tiveram satisfação e sucesso profissional mesmo quando atuaram em ocupações bastante diferentes.

A segunda tese refere-se a considerar o homem como histórico-social, ou seja, se constitui nas relações sociais e no seu contexto histórico.

Segunda tese: Para essa concepção o homem não é preconcebido e, portanto, não existe vocação inata, O homem se constitui nas relações sociais, nas relações com o outro, entende-se que ele se constrói a partir do que vive, da internalização do vivido. Nesta concepção, o homem é um ser ativo, na medida em que age na natureza e produz cultura; é um ser social, na medida em que se relaciona com o outro, pelo trabalho, e é um ser histórico na medida em que relação e produção se constituem de formas diferentes em cada período histórico (Bock, 2001, p. 47). A identidade é mutável durante toda a vida, cada indivíduo vai se apropriando das relações sociais que vivencia e esta concepção será a base para o entendimento da escolha profissional.

Sugestão de contestação para o advogado de acusação:

Se as pessoas nascem com disposições inatas para determinadas profissões, como fazer caso a profissão para a qual o sujeito nasceu com predisposição tenha deixado de existir?

Parecer do juiz:

É preciso contestar as crenças que remetem ao conceito de vocação para desmistificar a escolha profissional como herança genética ou um chamado divino, pois estas concepções servem para legitimar as desigualdades sociais. Entendendo que as diferenças são biopsicológicas ou de ordem religiosa justificam-se os posicionamentos do indivíduo nas sociedades e assim, camuflam a realidade econômica e socialmente injusta.

O pensamento de que existe uma vocação inata surgiu na idade média, especificamente no feudalismo, quando a sociedade estratificava-se em camadas sociais e uns deviam obrigações aos outros. Essa condição de classe era dada pela

circunstância do nascimento, se era família nobre ou de plebeus. A posição e ocupações na sociedade eram transmitidas de pai para filho, como uma determinação divina, tal crença recebeu respaldo com a força da igreja que legitimou esta ordem social. Assim, o conceito de vocação que imperava era o religioso, era um chamado divino que determinava uma missão aos indivíduos. A ordem social era determinada pela "vontade de Deus", por isso não podia ser questionada (Bock, 2006).

Com a revolução industrial sustentada pela ideologia liberal houve uma mudança radical no conceito de vocação. A posição do indivíduo no capitalismo não é mais determinada pelo divino, mas conquistada pelo seu esforço e trabalho. A ideologia liberal prega a igualdade entre os homens e por isso a ideia de que "Deus quer a sociedade assim" não encontrou mais respaldo. Passou-se a justificar as diferenças encontradas na sociedade por explicações biológicas. Agora o orgânico fundamenta as diferenças individuais e sociais. Se o sujeito não se "deu bem na vida" (de acordo com os parâmetros da sociedade atual) é por que não soube utilizar sua verdadeira vocação (Bock, 2006).

Realizar a seguinte dinâmica com os jovens:

Esta atividade está dividida em algumas etapas e tem o objetivo de oportunizar ao jovem para pensar sobre as suas características pessoais e provocar uma reflexão a partir da imagem que os outros têm dele.

- A **primeira etapa** consiste em solicitar aos jovens que escrevam uma espécie de carta, eles poderão escolher para quem escreverão (pode ser para os pais, um amigo ou parente). Serão informados que a carta não será enviada, a menos que os jovens queiram eles mesmos fazerem a entrega. Nesta carta, os jovens contarão como eram antes de iniciar o ensino médio na escola em que estão, quais eram seus objetivos, seus sonhos, características pessoais (ansioso, tímido, solitário, etc), e deverão dizer como estão agora, o que mudou e o que permanece. Em seguida, os jovens são convidados a compartilhar a vivência (sem necessariamente ler a carta, que é pessoal e poderá ser mantida em sigilo se o jovem assim o quiser) e apontar questões que considerou como importantes mudanças ou não mudanças.

- Em uma **segunda etapa** no mesmo encontro, cada participante escreverá seu nome em pequeno papel e colocará em um pote ou pacote. Em seguida, cada participante sorteará um nome. Pede-se então aos jovens que deem um presente (imaginário) ao sujeito do nome sorteado e justifiquem sua escolha, orienta-se que

pode ser qualquer presente, material ou não, grande ou pequeno, caro ou barato, o importante é que tenha alguma relação com quem receberá. Em seguida, cada jovem revela o nome sorteado, o presente escolhido e quais características observadas naquela pessoa que o fez escolher aquele presente. A pessoa que recebe o presente dirá se acha que o presente tem a ver ou não com ela e por quais motivos.

Em uma **terceira etapa** ou como uma alternativa desta atividade realiza-se um novo sorteio, agora os jovens deverão dar pistas da pessoa sorteada para que os outros tentem adivinhar quem é, novamente as pistas deverão ser as qualidades e atributos (não físicos) da pessoa em questão. Após a revelação do sujeito, ele dirá se se identifica com as características atribuídas a ele ou não e por qual motivo.

Em uma **quarta possibilidade** poderá se fazer uma nova rodada com um novo sorteio de nomes. Desta vez os jovens deverão escrever breves cartas para o membro sorteado, expressando a imagem que tem da pessoa. As cartas poderão ser lidas, exploradas e confirmadas ou não pelo sujeito que recebeu. Os jovens também poderão revelar ao grupo o conteúdo da carta e o grupo também poderá se manifestar se observa as características atribuídas pelo autor da carta ao jovem. Uma alternativa é a discussão acontecer em duplas, entre o sujeito que escreveu a carta e quem a recebeu.

A expectativa é que os jovens percebam que a visão que os outros têm dele nem sempre é a mesma que o jovem tem a respeito dele mesmo, que pessoas diferentes podem ter imagens diferentes acerca de um mesmo jovem. Fazer este tipo de exercício leva ao **autoconhecimento**, porque expõe imagens que quase nunca são verbalizadas. A finalidade é que cada jovem reflita sobre as imagens que o grupo formou a respeito dele, analisando se é uma imagem que somente aquele grupo tem ou se pode ser generalizada para outros grupos dos quais participa. Não é objetivo desta atividade relacionar características dos jovens com profissões específicas, nem tampouco identificar características positivas para o mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercedes Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina Gonçalves; FURTADO, Odair (Org.). **Psicologia sócio-histórica:** uma perspectiva crítica em psicologia. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação profissional.** A abordagem sócio-histórica. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Orientação profissional para classes pobres.** São Paulo: Cortez, 2010.

OZELLA, Sérgio (Org.). **Adolescências construídas:** a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003.

10

QUARTA TEMÁTICA: O olhar para fora: assumindo um compromisso social

10.1 Objetivo

★ **Chamar** a atenção dos jovens para questões que envolvem os problemas e necessidades da sociedade atual e de que forma ele podem firmar um compromisso de serem atuantes em suas profissões na busca por melhorar tais condições.

★ **Oportunizar** o estabelecimento de um contrato coletivo, de forma a se darem conta que a ação individual também reflete no fazer comunitário.

10.2 Proposta de ação

Sugere-se que para trabalhar esta temática seja realizado um encontro, de aproximadamente 1h30min. As dinâmicas e técnicas que seguem são sugestões, os mediadores e o coordenador poderão avaliar quanto à necessidade de fazer mais do que um encontro, quanto à necessidade de ampliação do tempo sugerido para os encontros e a inserção de novas práticas para abordar esta temática com os jovens.

Realizar a seguinte dinâmica com os jovens: Técnica da Teia Grupal [3]

Material: Um novelo de lã ou barbante, que permita ser jogado e se desenrole com facilidade.

Esta dinâmica consiste em dispor o grupo em círculo, sentados ou de pé. O mediador jogará um novelo de lã ou linha a um dos participantes, este deve enrolar a linha em seu dedo e dizer ao grupo como ele participa da sociedade em que vive*, (pode haver variação sobre a pergunta que o jovem terá que responder). Após responder a pergunta, o jovem deverá jogar o novelo a outro participante que deverá repetir a ação, todos devem receber o novelo e responder à questão elencada.

**O jovem poderá ter dúvidas sobre sua participação na sociedade. O mediador deverá esclarecer que todos participamos da sociedade, seja no papel de filhos, estudantes, trabalhadores, etc.*

3 Técnica adaptada do livro: Orientação vocacional ocupacional. Autora: Rosane Schotgues Levenfus e Dulce Helena Penna Soares (2010).

As questões que seguem podem ser realizadas pelo mediador aos jovens durante a realização da dinâmica:

- Como eu participo da sociedade que vejo em minha volta?
- Como eu poderia de participar ativamente na sociedade?
- O que eu penso dos ideais desta sociedade?
- Em que medida eu me reconheço ou não nestes ideais?

Ao final, solicita-se que observem o desenho criado, e reflete-se sobre como todos estão interligados, e por esta razão a importância de nos responsabilizarmos pelas nossas ações. Solicita-se que um dos jovens solte a ponta da linha que segura e a partir da alteração da "teia" questiona-se com os participantes o quanto cada um é importante neste desenho, observando que quando um participante (ou mais) solta a linha, ou seja, "abre mão de sua responsabilidade" sua atitude refletirá em todo um coletivo.

Realizar a seguinte atividade com os jovens:

Solicitar aos participantes que escrevam uma carta na qual se comprometem a desenvolver uma atividade, independente de qual seja, com responsabilidade social, ou seja, expressarão de que forma buscarão contribuir para uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS

LEVENFUS, Rosane Schotgues. SOARES, Dulce Helena P. (orgs) **Orientação vocacional profissional**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed: 2010.